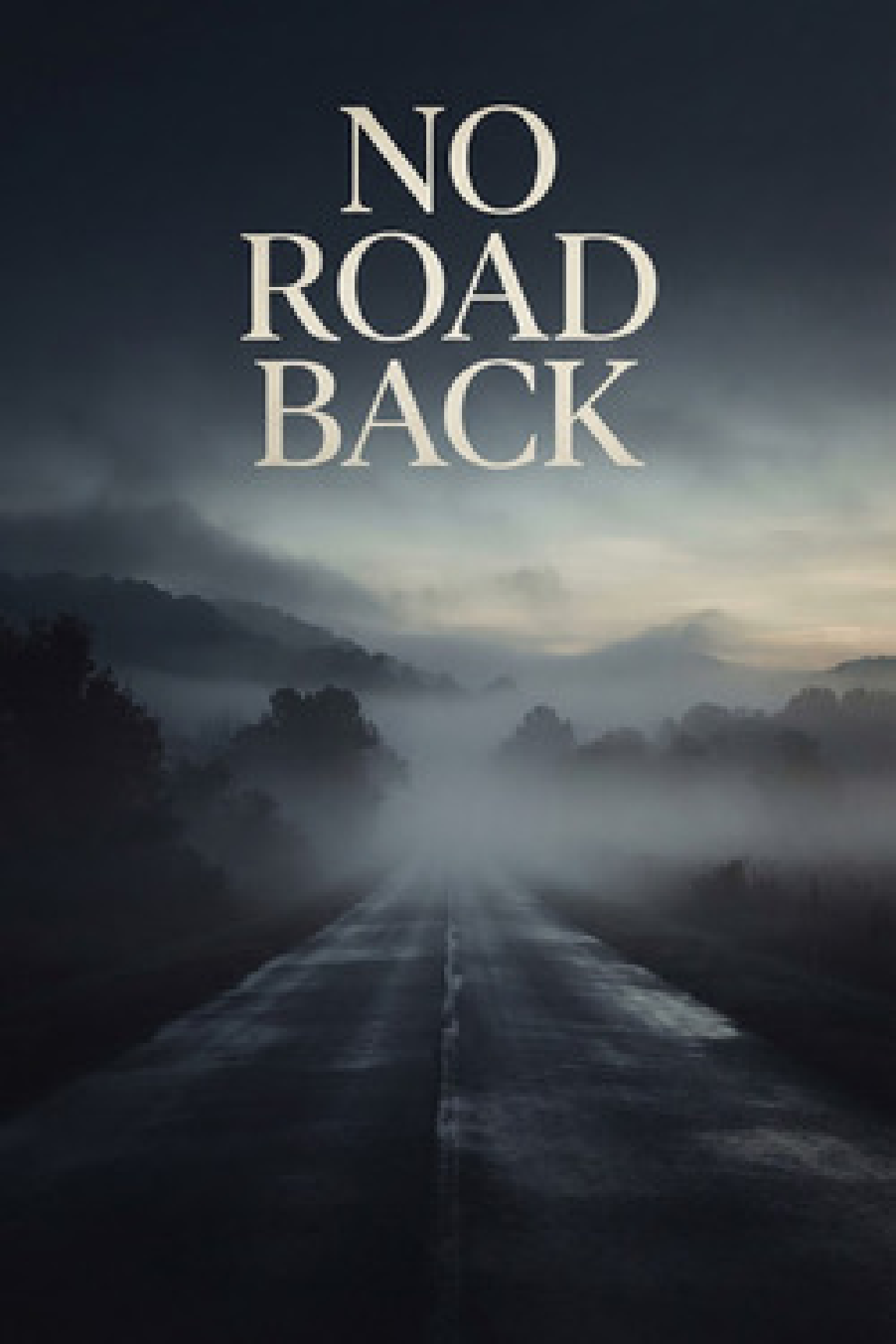

NO
ROAD
BACK

PARTE II

LIMIAR 4

Nenhum Caminho De Volta

Existem viagens que começam com uma partida.

E outras que começam com uma perda.

Esta pertence à segunda categoria.

Por muito tempo acreditei que o retorno fosse uma questão geográfica.

Deixar um lugar.

Atravessar uma distância.

Voltar ao ponto de partida.

Era uma definição simples.

Cômoda.

Também errada.

Com o passar dos anos descobri que alguns retornos não conduzem a nenhum lugar visível.

Porque o lugar a alcançar já não existe.

Ou nunca existiu.

Ou mudamos demais para poder reconhecê-lo.

E no entanto a necessidade de voltar permanece.

É uma das nostalgias mais profundas do ser humano.

Queremos voltar a quando as coisas pareciam mais simples.

Mais claras.

Mais ordenadas.

Queremos voltar às pessoas que perdemos.

Às oportunidades perdidas.

Às decisões não tomadas.

Aos momentos em que a vida parecia ainda aberta a todas as possibilidades.

Mas o tempo não devolve nada.

Não é o seu ofício.

O tempo transforma.

Nunca devolve.

Houve anos nos quais persegui retornos impossíveis.

Fazia-o sem me dar conta.

Tentava recuperar versões anteriores de mim mesmo.

O jovem.

O profissional.

O filho.

O homem convencido de saber para onde estava indo.

Cada tentativa terminava do mesmo modo.

Com uma decepção.

Porque aquela pessoa já não existia.

E era certo que fosse assim.

Uma manhã compreendi uma coisa que mudou o meu modo de olhar para o passado.

Não desejava de verdade voltar atrás.

Desejava recuperar uma sensação.

Uma certeza.

Uma familiaridade.

Uma versão do mundo na qual as perguntas pareciam menos numerosas do que as respostas.

Mas a vida não oferece viagens no tempo.

Oferece apenas transformações.

Foi então que comecei a olhar o retorno de modo diferente.

Não como um movimento em direção àquilo que eu tinha sido.

Mas como uma aproximação daquilo que eu me tornara.

A diferença é enorme.

Quando tentamos voltar atrás, lutamos contra o tempo.

Quando aceitamos seguir em frente, começamos finalmente a compreendê-lo.

Muitas pessoas passam a existência procurando um lar.

Pensam que é um lugar.

Uma cidade.

Uma rua.

Uma nação.

Depois chega o dia em que descobrem que o lar é um estado da alma.

E que nenhuma coordenada geográfica pode garanti-lo.

Durante a minha vida atravessei muitos países.

Muitas culturas.

Muitas línguas.

A cada vez, deixava algo para trás.

A cada vez, recolhia outra coisa.

Sem me dar conta estava me tornando um arquivo vivo de experiências.

Um mosaico composto de lugares diferentes.

A certa altura deixei de me perguntar:

“A que lugar pertenço?”

E comecei a me perguntar:

“O que levo comigo?”

A segunda pergunta era muito mais útil.

Porque os pertencimentos mudam.

As fronteiras mudam.

Os mapas mudam.

Aquilo que levamos dentro, ao contrário, continua a viajar.

Lembro-me de algumas noites nas quais o sentimento de desorientação era mais forte do que o habitual.

Noites em que tudo parecia distante.

As pessoas.

Os lugares.

As certezas.

Até eu mesmo.

Naqueles momentos emergia a tentação mais antiga.

Voltar atrás.

Desfazer.

Restaurar.

Recomeçar de um ponto anterior.

Mas, a cada vez, a realidade me mostrava a mesma verdade.

Não existe um ponto anterior.

Existe apenas o ponto atual.

E a escolha do que fazer com ele.

Com o tempo aprendi a considerar o passado não como um destino, mas como uma biblioteca.

Um lugar para visitar.

Não para habitar.

Porque quem vive no passado deixa lentamente de habitar o presente.

E sem presente não existe futuro.

As pessoas que amei.

As cidades que atravessei.

As oportunidades que perdi.

Os sucessos.

As derrotas.

Tudo continuava a existir.

Mas de uma forma diferente.

Como páginas já escritas.

Para reler.

Não para reescrever.

Foi uma libertação.

Porque deixei finalmente de procurar aquilo que não podia ser recuperado.

E comecei a investir energia naquilo que ainda podia ser construído.

Paradoxalmente foi justamente naquele momento que o passado deixou de me perseguir.

Quando deixei de tratá-lo como um destino.

Aconteceu algo semelhante com as pessoas.

Muitas tinham saído da minha vida.

Algumas por escolha.

Outras por necessidade.

Outras ainda pelo simples trabalho do tempo.

No início interpretava aquelas ausências como perdas.

Depois entendi que algumas presenças continuavam a existir de modos diferentes.

Nas lições deixadas.

Nas lembranças.

Nos comportamentos.

Nas decisões que continuavam a me influenciar.

Isto também era um retorno.

Não das pessoas.

Do seu significado.

Talvez a maturidade consista justamente nisto.

Compreender que nada retorna na forma original.

Mas quase tudo pode continuar a viver numa forma nova.

No fim deixei de procurar o caminho de volta.

Porque entendi algo que nenhum mapa jamais tinha mostrado.

Não estava voltando para lugar nenhum.

Estava chegando.

Chegando a uma versão de mim mesmo construída por todas as partidas, todas as perdas, todos os encontros e todas as transformações.

E foi então que o paradoxo se resolveu.

O retorno que eu procurara por anos não conduzia ao passado.

Conduzia a mim.

Por isso falar de um retorno de lugar nenhum é exato.

Não porque não existisse um destino.

Mas porque o destino não tinha um endereço.

Era um lugar sem geografia.

Sem fronteiras.

Sem coordenadas.

Um lugar que eu tinha atravessado a vida inteira sem reconhecê-lo.

O retorno de lugar nenhum.

O retorno em direção àquilo que eu me tornara.